



(<https://focusonthe kingdom.org/>)

# Gnosticismo e Ortodoxia Tradicional

por *Anthony F. Buzzard*

Título Original (em Inglês):  
“*Gnosticism and Traditional Orthodoxy*”.

*Tradução (Translation):*  
**Fernando Coutinho Sánchez**  
([ferjosousan@gmail.com](mailto:ferjosousan@gmail.com))  
Osorno - Machalí, Chile,  
september de 2024

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres *ITÁLICOS*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “*ITÁLICOS*” e/ou transliteradas para o português.



**“guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência [gnose]” (1 Timóteo 6:20).**

## **A. Gnosticismo é: Um sistema de redenção / salvação**

1. O mundo criado é mau.
2. Deus não poderia tê-lo criado.
3. Segundo Deus o criou.

**B. Como você pode ser salvo?**

1. Se tiveres a centelha divina (espírito-pneuma), podes escapar do teu corpo na morte.
2. Precisas de uma iluminação espiritual para te preparares para isso.
3. Uma figura redentora que desce do céu proporciona a iluminação.
4. Ele desce do céu e aparece como uma pessoa humana.
5. Na morte, a alma escapa deste mundo e continua a viver.

**C. Jesus é o nome dado a este Salvador.**

1. Os acontecimentos da vida de Jesus, os ensinamentos de Jesus, a sua morte e ressurreição são depreciados. A história não tem importância.
2. É possível viver uma vida “livre” sem disciplina.
3. A ressurreição é passada: foi invisível e “espiritual”.

**D. O gnosticismo é um sistema filosófico grego que tem alguns paralelos com o cristianismo bíblico e pode ser facilmente confundido com ele.**

**E. Os “pais da Igreja” gregos (gregos com formação filosófica) rejeitaram a forma flagrante de gnosticismo, mas será que abraçaram uma forma sutil de gnosticismo e depois leram-na de novo na Bíblia, substituindo assim partes do esquema bíblico por um esquema cripto-gnóstico?**

**Os efeitos do gnosticismo no cristianismo tradicional**

O Jesus bíblico foi coberto por uma figura redentora gnóstica do céu que tomou emprestado o nome de Jesus? Temos que descascar o “adesivo” para expor o Jesus real que foi escondido sob o Jesus gnóstico? Pondere tudo isso.

As citações a seguir, algumas das quais são repetidas, mostram que os principais especialistas em Bíblia e história da igreja têm reclamado constantemente que o que é ensinado como cristianismo não é, de maneiras importantes, a fé da Bíblia ou dos apóstolos, mas uma mistura post-bíblica da Bíblia, contaminada pelo paganismo grego. O influxo do paganismo afetou diretamente nossa compreensão da natureza do homem, o que acontece quando morremos e nosso futuro como seres imortais – imortalizados, de acordo com a Bíblia, apenas pela ressurreição. A intrusão da filosofia grega fez com que a “ortodoxia” aceitasse o princípio não bíblico da imortalidade da alma. Isso, por sua vez, levou a uma distorção do Evangelho do Reino.

Evangélicos e liberais substituíram o “céu” na morte pelo Reino de Deus que virá no retorno de Jesus. A pregação do Evangelho de Jesus foi afetada negativamente e os evangélicos se perguntam

por que seu “Evangelho da cruz” não tem poder. O fato é que o elemento mais fundamental do Evangelho – o Reino – foi eliminado do evangelho popular.

A mistura de paganismo também afetou drasticamente a identidade do Jesus bíblico. O monoteísmo judaico no qual Jesus foi criado (*Deuteronômio 6:4*), e que ele afirmou como o mandamento mais importante de todos (*Marcos 12:29* e segs.), foi distorcido sob a influência do gnosticismo.

Todos nós tememos os alimentos contaminados, como um perigo para a nossa saúde. Mas também devemos estar conscientes da contaminação espiritual que afetou os ensinamentos bíblicos originais, devido à nossa recepção descuidada e não examinada da “tradição”. Há muitas provas de especialistas de que nem tudo está bem. As seguintes citações de nomes e fontes reconhecidas, de especialistas no topo dos campos, podem ser reveladoras (Atos 17:11):

O célebre “*Interpreter’s Dictionary of the Bible*” (Dicionário do Intérprete da Bíblia): “Nenhum texto bíblico autoriza a afirmação de que a alma é separada do corpo no momento da morte” (Vol. 1, pág. 803)

**“...o processo de helenização pelo qual o cristianismo adotou muitos padrões de pensamento gregos [PAGÃOS] levou a uma direção diferente, pois a esperança escatológica veio a ser expressa em categorias helenísticas. Irineu disse: ‘É manifesto que as almas de Seus discípulos também, por cuja conta o Senhor sofreu essas coisas, irão embora no lugar invisível designado a eles por Deus, e lá permanecerão até a ressurreição, aguardando esse evento. Então, recebendo seus corpos e ressuscitando em sua totalidade, isto é, corporalmente, assim como o Senhor ressuscitou, eles entrarão na presença de Deus’. A declaração de Irineu contém o conceito de uma morada ou purgatório no qual a alma dos mortos permanece até a ressurreição universal. Não devemos denunciar isso como um desvio do ensino bíblico, uma vez que o ponto da afirmação é anti gnóstico. Irineu queria rejeitar a ideia gnóstica de que no final desta vida terrena a alma ascende imediatamente à sua morada celestial. Como os primeiros pais lutaram contra a ideia pagã de que uma parte da pessoa humana é simplesmente imortal, era importante para eles afirmar que não há ascensão retilínea a Deus. Uma vez que morremos, a vida acaba”** [*Christian Dogmatics*] (Dogmática cristã, Braaten/Jenson, Vol. 2, pág. 503], seção escrita por *Hans Schwartz*, Professor de Teologia Protestante, Universidade de Regensburg, República Federal da Alemanha).

Note que a ideia gnóstica e pagã da alma indo para o céu na morte é encontrada em quase todas as denominações contemporâneas. No entanto, não pode ser rastreada até a Bíblia. Importa que a igreja ensine paganismo em nome de Jesus?

A confusão fundamental sobre a vida após a morte que tanto permeou o cristianismo tradicional é brilhantemente descrita pelo *Dr. Paul Althaus* em seu livro, “*The Theology of Martin Luther*” (A teologia de Martinho Lutero) (Fortress Press, 1966, pp. 413, 414):

“A esperança da igreja primitiva se centrava na ressurreição do Último Dia. É isso que primeiro chama os mortos para a vida eterna (*1 Coríntios 15; Filipenses 3:21*). Essa ressurreição acontece para o homem e não apenas para o corpo. Paulo fala da ressurreição não ‘do corpo’, mas ‘dos mortos’. Esse entendimento da ressurreição implicitamente entende a morte como também afetando o homem inteiro... **Assim, os conceitos bíblicos originais foram substituídos por ideias do dualismo helenístico e gnóstico.** A ideia do Novo Testamento da ressurreição que afeta o homem inteiro teve que dar lugar à imortalidade da

alma. O Último Dia também perde seu significado, pois as almas receberam tudo o que é decisivamente importante muito antes disso. A tensão escatológica não é mais fortemente direcionada para o dia da Vinda de Jesus. **A diferença entre isso e a Esperança do Novo Testamento é muito grande**".

Importa que as ideias bíblicas tenham sido substituídas por ideias pagãs e gnósticas?

Todo o sistema cristão, tanto católico quanto protestante, é falho pela mistura da Bíblia com ideias gregas estranhas:

"Nossa posição é que a reinterpretação da teologia bíblica em termos dos filósofos gregos tem sido disseminada ao longo dos séculos e em todos os lugares destrutiva para a essência da fé cristã... Sempre houve judeus que buscaram fazer acordos com o mundo gentio, e isso significou com o tempo a morte do judaísmo para todos eles. Houve cristãos desde o início que buscaram fazer isso. ... **Nem a teologia católica nem a protestante são baseadas na teologia bíblica. Em cada caso, temos uma dominação da teologia cristã pelo pensamento grego**" [N.H. Snaith, "*The Distinctive Ideas of the Old Testament*" (As ideias distintivas do Antigo Testamento), Londres; Epworth Press, 1955, p. 187, 188].

A Igreja, conforme se desenvolveu após os tempos bíblicos, foi envenenada por elementos do gnosticismo (paganismo). Isso afetou não apenas a verdade sobre o que acontece quando morremos, mas também a identidade central de Jesus e resultou em um Jesus gnóstico "ortodoxo":

"Quem pode sustentar que a Igreja alguma vez superou a doutrina gnóstica das duas naturezas ou o docetismo valentiniano? Mesmo os últimos concílios da Igreja, que discutiram os problemas cristológicos em definições complicadas, hoje em dia dificilmente inteligíveis, não conseguiram fazer isso; **a unidade da Igreja naufragou precisamente nisso**" (Kurt Rudolph, "*Gnosis: The Nature and History of Gnosticism*" (Gnose: A natureza e a história do gnosticismo), Harper and Row, p. 1983, p. 372).

Aqui está a citação completa:

"Os primeiros Padres Cristãos, principalmente Irineu e Tertuliano, esforçaram-se arduamente para encontrar formas que tornassem inteligível, num sentido não gnóstico, a divisão prevalecente do único Jesus Cristo. A rigor, **eles não tiveram sucesso**. Harnack [historiador da igreja] já foi forçado a dizer: "Quem pode sustentar que a Igreja alguma vez superou a doutrina gnóstica das duas naturezas ou o docetismo valentiniano?" Mesmo os últimos concílios da Igreja que discutiram os problemas cristológicos em definições complicadas, e hoje em dia dificilmente inteligíveis, **não conseguiram fazer isso; a unidade da Igreja naufragou precisamente nisso** ... Muitas vezes foi esquecido que os teólogos gnósticos viam Cristo como 'consustancial' com o Pai, antes que a teologia eclesiástica **estabelecesse isso como um princípio, a fim de preservar sua plena divindade**".

O padre da igreja *Orígenes* ajudou na infiltração do gnosticismo na "ortodoxia":

"*Orígenes*, de forma sistemática, construiu um corpo de doutrinas muito reduzidas que, em sua maioria, **passavam por cristãs**. Ele foi capaz de fazer isso **mantendo a aparência de preservar as Escrituras**, as tradições comuns, a regra da fé... Primeiro, em sua tentativa de identificar o Logos com o Filho de Deus sem comprometer a unidade e a supremacia de Deus ou negar a realidade da filiação, ele postulou a **geração real, na eternidade**, do Filho a partir da essência ou natureza do Pai. Enquanto isso colocava o Filho dentro da Divindade, isso o

subordinava ao Pai. Do ponto de vista da ortodoxia posterior, esta última era heresia [ou seja, na ortodoxia posterior, que sobreviveu até agora, o Filho não era subordinado, mas coigual]. Segundo, de acordo com seu esquema da origem de todas as coisas do ser mais elevado e seu retorno para lá, ele parecia afirmar a restauração final de tudo, até mesmo os demônios, a Deus. Isso também se tornou heresia. Na medida em que, no entanto, as especulações de *Orígenes* se tornaram a fonte das doutrinas posteriores de a Trindade e as duas naturezas de Cristo, podemos dizer que **a heresia gnóstica reproduzida em Orígenes preparou o caminho para a ortodoxia** [“*Heresy*” (Heresia), *Enciclopédia de Religião e Ética*, Vol. 6, 1964).

Já alguma vez se interrogou sobre o que se entende por “geração eterna”? (É suposto acreditar que Jesus é o “Filho eternamente gerado” para se ser ortodoxo e apto para a salvação). Gerar significa trazer à existência, fazer existir, começar. “Eterno” descreve aquilo que não tem começo. Portanto, “geração eterna” não tem significado inteligível. Não se pode trazer à existência o que sempre existiu. No entanto, esta é a crença “ortodoxa” sobre o Filho de Deus. Não só é uma contradição em si mesma, como também colide com a afirmação de Gabriel em *Lucas 1:35* de que a concepção no ventre de Maria (através do espírito santo) “gerou” o Filho de Deus, ou seja, trouxe-o à existência. Note também *Mateo 1:20* “*porque o que nela está gerado [gerado] é do Espírito Santo*”. Não existe nenhum “Filho eterno” na Bíblia (um Filho é, de qualquer forma, por definição, uma pessoa derivada no tempo de outra). Toda a ideia trinitária de um “filho eterno” é uma mistificação e uma miragem. É altura de os crentes a questionarem à luz das Escrituras.

Aqui estão algumas declarações de homens importantes em Oxford e Cambridge, cujos estudos os levaram a ver que a ideia da Encarnação do “Filho eterno”, que leva à doutrina da Trindade, não é bíblica:

A doutrina de que Jesus é Deus que se fez Homem não é encontrada na Bíblia:

“A encarnação, em seu sentido pleno e próprio, não é algo diretamente apresentado nas Escrituras” [“*The Myth of God Incarnate*” (O mito do Deus encarnado), ed. *John Hick*, SCM Press, 1977, pág. 3).

Os Padres da Igreja do segundo século em diante distorceram as palavras de João para produzir “ortodoxia”:

“... **a teologia patrística de qualquer escola abusou desses textos [joaninos] tirando-os do contexto e dando-lhes um significado que João nunca pretendeu.** A linguagem funcional sobre o Filho e o Espírito sendo enviados ao mundo pelo Pai foi transposta para a de relacionamentos eternos e internos entre Pessoas na Divindade e **palavras como “geração” e “procissão” transformadas em termos técnicos que o uso do Novo Testamento simplesmente não substanciará**” [“*The Fourth Gospel and the Church's Doctrine of the Trinity*” (O quarto Evangelho e a doutrina da Trindade na Igreja), *Twelve More New Testament Studies*, SCM Press, 1984, pág. 172].

Preexistência na Bíblia não significa que o Filho se tornou Homem, mas que *o propósito* eterno de Deus foi corporificado no ser humano, Jesus Cristo. O significado do título Filho de Deus não tem o mesmo significado na "ortodoxia" que tem na Bíblia:

“Dentro da tradição cristã, o Novo Testamento tem sido lido há muito tempo através do prisma dos credos conciliares posteriores... Falar de Jesus como o Filho de Deus tinha **uma conotação muito diferente** no primeiro século daquela que tem tido desde Nicéia. Falar da preexistência

de Jesus [nas Escrituras] provavelmente deve, na maioria, talvez em todos os casos, ser entendido, na analogia da preexistência da Torá, para indicar o eterno propósito divino [comparar, *1 Pedro 1:20*] sendo alcançado através dele, em vez de preexistência de um tipo totalmente pessoal” [Maurice Wiles, “*The Remaking of Christian Doctrine*” (A reformulação da doutrina cristã), SCM Press, 1974, págs. 53, 53].

A Igreja deu a impressão de que sua doutrina de Cristo foi derivada da Bíblia. Mas isso não é verdade:

“A doutrina cristológica nunca foi derivada, na prática, simplesmente por meio de inferência lógica das declarações das Escrituras... A Igreja geralmente não tem, na prática (não importa o que ela alegue estar fazendo em teoria), baseado sua cristologia exclusivamente no testemunho do Novo Testamento” [Maurice Wiles, “*The Remaking of Christian Doctrine*” (A reformulação da doutrina cristã), SCM Press, 1974, págs. 54, 55).

A Trindade não pode ser encontrada nas páginas das Escrituras, ou pelo menos “não facilmente”:

“Porque a Trindade é uma parte tão importante da doutrina cristã posterior, é impressionante que o termo não apareça no Novo Testamento. Da mesma forma, o conceito desenvolvido de três parceiros desiguais na Divindade, encontrado em formulações de credo posteriores **não pode ser claramente detetado dentro dos limites do cânon**” [“*Trinity*” (Trindade), *Oxford Companion to the Bible*, Metzger e Coogan, eds., 1993].

“Paulo não tinha nenhuma doutrina da Trindade. O Espírito de Deus, ou Espírito Santo, era para ele a energia da natureza Divina...” (Dr. C.A. Scott, Professor de língua e literatura do NT, Westminster College, Cambridge, *Dicionário da Igreja Apostólica*, Vol. 1, p. 189).

Os constantes avisos sobre o paganismo em nossa versão do cristianismo não foram ouvidos. Ao longo da história cristã, escritores de primeira eminência reclamaram sobre o estado problemático da teologia da Igreja. Uma nota de aviso foi soada por *Jacques Ellul* quando ele isolou o problema raiz dos problemas da Igreja:

“Um exemplo familiar da mutação à qual a revelação foi submetida é sua **contaminação pela ideia grega da imortalidade da alma**. Vou relembra-la brevemente. No pensamento judaico, a morte é total. Não há alma imortal [note que os cristãos evangélicos, “crentes na Bíblia”, no entanto, subscrevem a crença na alma imortal], nenhuma divisão de corpo e alma. O pensamento de Paulo é judaico a esse respeito. A alma pertence ao reino “psíquico” e é parte da carne. O corpo é o ser inteiro. **Na morte, não há separação de corpo e alma [as igrejas constantemente mantêm o ponto de vista oposto!]**. A alma é tão mortal quanto o corpo. Mas há uma ressurreição. Do nada que a vida humana se torna, Deus cria novamente o ser que estava morto. Esta é uma criação pela graça; **não há alma imortal intrínseca a nós. A filosofia grega, no entanto, introduz entre os teólogos a ideia da alma imortal**. A crença era difundida na religião popular e foi integrada ao cristianismo, mas é uma perversão total... Todo o pensamento cristão é desviado por essa mutação inicial que vem através da filosofia grega e dos cultos do Oriente Próximo... A crença na imortalidade celestial da alma surgiu na segunda metade do século V a.C. com base na astronomia. A astronomia pitagórica transformou radicalmente a ideia do destino da alma sustentada pelos povos mediterrâneos... Ela substitui a noção de uma alma de substância celestial exilada neste mundo. Essa ideia **contamina** completamente o pensamento bíblico, substitui gradualmente a afirmação da

ressurreição e transforma o reino dos mortos no reino de Deus” [Jacques Ellul, “*The Subversion of Christianity*” (A subversão do cristianismo), Eerdmans, 1986, pág. 25].

Tal percepção ilumina o dano que a fé apostólica sofreu. Há, obviamente, uma necessidade urgente de reparo. Uma série de declarações complementares de vários especialistas bíblicos apontam na mesma direção: Nosso sistema de interpretação bíblica foi desviado para canais estranhos aos pais fundadores bíblicos, embora compatível com os “Pais da Igreja” gregos post-bíblicos:

### **Durante a maior parte da história cristã, Paulo foi mal compreendido:**

“A primeira tarefa da exegese [explicar a Bíblia] é penetrar o máximo possível dentro do(s) contexto(s) histórico(s) do autor e daqueles para quem ele escreveu. Muito disso envolve os pressupostos tomados como certos tanto do autor quanto dos destinatários. Onde um leitor moderno não tem conhecimento (ou não simpatiza com) essas suposições e preocupações compartilhadas, será impossível ouvir o texto como o autor pretendia que fosse ouvido (e presumiu que seria ouvido). Neste caso, uma parte importante desse contexto é a autocompreensão dos judeus e do judaísmo no primeiro século e dos gentios simpáticos ao judaísmo. **Uma vez que a maior parte da história e da erudição cristã, lamentavelmente, tem sido antipática a essa autocompreensão, se não totalmente hostil a ela, uma apreciação adequada de Paulo em sua interação com essa autocompreensão tem sido virtualmente impossível**” [James Dunn, “*Commentary on Romans 1-8*” (Comentário sobre Romanos 1-8), *Word Biblical Commentary*, Dallas: Word Books, 1988, págs. xiv, xv].

### **Os cristãos ingleses modernos não entendem a Bíblia:**

“O cristão inglês moderno dá um significado às palavras do Novo Testamento diferente daquele que estava nas mentes dos escritores judeus. O grego era a língua que eles usavam para transmitir a mensagem cristã universal, mas seu modo de pensar era em grande parte hebraico. Para uma compreensão completa, é necessário que o cristão moderno não apenas estude o texto grego, mas sinta a ideia hebraica que os escritores judeus buscavam transmitir em palavras gregas. Não posso afirmar que me tornei muito habilidoso nisso, mas fiz progresso suficiente para descobrir o quanto eu havia interpretado mal a Bíblia no passado. Como todos os ministros cristãos ordenados, eu havia falado dogmaticamente, com autoridade de um púlpito que ninguém pode ocupar sem a licença de um bispo; e muito do que eu havia dito havia sido enganoso” (David Watson, “*Christian Myth and Spiritual Reality*” (O Mito Cristão e a Realidade Espiritual), Victor Gallanz, 1967, págs. 28, 29].

Em relação ao ensino bíblico sobre o destino do homem, os conceitos bíblicos originais foram substituídos por ideias do helenismo e do gnosticismo:

“A esperança da igreja primitiva se centrava na ressurreição do Último Dia. É isso que primeiro chama os mortos para a vida eterna (*1 Coríntios 15; Filipense 3:21*). Essa ressurreição acontece com o homem e não apenas com o corpo. Paulo fala da ressurreição não “do corpo”, mas “dos mortos”. Esse entendimento da ressurreição implicitamente entende a morte como também afetando o homem inteiro... **Assim [no ensino cristão tradicional] os conceitos bíblicos originais foram substituídos por ideias do dualismo gnóstico**

**helenístico.** A ideia do Novo Testamento da ressurreição que afeta o homem inteiro teve que dar lugar à imortalidade da alma. O Último Dia também perde seu significado, pois as almas receberam tudo o que é decisivamente importante muito antes disso. A tensão escatológica [voltada para o futuro] não é mais fortemente direcionada para o dia da Vinda de Jesus. **A diferença entre isso e a Esperança do Novo Testamento é muito grande**” (Paul Althaus, “*The Theology of Martin Luther*” (A teologia de Martinho Lutero), págs. 413, 414).

O ensinamento cristão foi transformado. As esperanças messiânicas foram esquecidas. A noção do Reino de Deus na terra desapareceu. A imortalidade na morte tomou o lugar da ressurreição para o Reino na terra:

“Como todos os conceitos, o significado dos termos religiosos é alterado com uma experiência e uma visão de mundo em mudança. Transplantado para a visão de mundo grega, inevitavelmente **o ensinamento cristão foi modificado – de fato transformado.** Perguntas que nunca haviam sido feitas vieram à tona e as pressuposições judaicas tenderam a desaparecer. Especialmente **as esperanças messiânicas foram esquecidas ou transferidas para uma esfera transcendente além da morte.** Quando o império se tornou cristão no século IV, **a noção de um Reino de Cristo na Terra** a ser introduzido por uma grande luta praticamente desapareceu, permanecendo apenas como a fé de grupos obscuros. A imortalidade – **a conceição filosófica** – tomou o lugar da ressurreição do corpo. No entanto, esta última continua por causa de sua presença nas fontes primárias, mas não é mais um fator determinante, uma vez que sua pressuposição – **o Reino Messiânico na Terra – foi obscurecida.** Assim como o pano de fundo é alterado de judaico para grego, também o são as conceições religiosas fundamentais... Temos, portanto, uma combinação peculiar – **as doutrinas religiosas da Bíblia percorrem as formas de uma filosofia estranha**” (G.W. Knox, DD, LL. D, professor de filosofia e história da religião, *Union Theological Seminary*, Nova York, *Encyclopaedia Britannica*, 11ª ed., Vol. 6, pág. 284).

Nossos credos nos ensinam a pensar em termos gentios, contrários ao Novo Testamento:

“O parentesco primário do Novo Testamento não é com o ambiente gentio, mas sim com a herança e o ambiente judaicos... **Muitas vezes somos levados por nossos credos e teologia tradicionais a pensar em termos de conceitos gentios e especialmente gregos.** Sabemos que **não depois do segundo século** começou o esforço sistemático dos apologistas para mostrar que a fé cristã aperfeiçoou o melhor da filosofia grega... Um estudo cuidadoso do Novo Testamento deve bloquear qualquer tendência de considerar o Novo Testamento como um grupo de documentos expressivos da mente gentia. O parentesco deste livro é principalmente e esmagadoramente com o judaísmo e o Antigo Testamento... **O Novo Testamento fala sempre de desaprovação e geralmente com denúncia contundente de cultos e filosofias gentias.** Ele concorda essencialmente com a acusação judaica do mundo pagão... A Igreja moderna muitas vezes entende mal sua relação com o Antigo Testamento e Israel, e muitas vezes se inclina a preferir a atitude grega à visão do Novo Testamento” [F.V. Filson, “*The New Testament Against Its Environment*” (The New Testamento Contra o Seu Ambiente), págs. 26, 27, 43].

“O Novo Testamento continua basicamente judaico, não grego – embora grego na linguagem... e pode ser entendido apenas do ponto de vista histórico do judaísmo modificado que forneceu à igreja primitiva sua terminologia e toda sua estrutura de pensamento” (F.C. Grant, “*Ancient Judaism and the New Testament*” (O judaísmo antigo e o Novo Testamento), pág. 133].



O cristianismo original foi submerso pela cultura greco-romana, resultando em uma perversão da fé original:

“Embora a forma aguda da secularização do cristianismo no gnosticismo tenha sido rejeitada, ainda assim **a Igreja... continuou a perder cada vez mais seu caráter primitivo e a se conformar ao seu ambiente na cultura greco-romana.** O processo foi avançado pelos apologistas [porta-vozes da fé no segundo século], pareceu sofrer um controle na influência de Irineu, mas foi estimulado na escola alexandrina de teologia... Este desenvolvimento trouxe a transformação definitiva da regra de fé no compêndio de um sistema filosófico grego... **Não podemos assumir que a fé, conforme entregue aos santos, foi adequadamente e finalmente expressa nessas formas intelectuais greco-romanas ...** Que a fé foi expressa em dogma eclesiástico sempre sem obscurecimento ou distorção não pode ser sustentado... Que o organismo cristão não poderia escapar de ser afetado por, ao se adaptar a, seu ambiente greco-romano deve ser concedido; que esta ação e reação não eram apenas necessárias, mas uma condição de progresso pode ser conjecturada... Isso não exclui, no entanto, o reconhecimento franco do fato de que havia características do gênio especulativo grego e do ethos romano prático não totalmente harmoniosos com o caráter distintivo do Evangelho, de modo que **houve perversão em meio ao progresso no desenvolvimento subsequente** – o sal no tempero perdeu um pouco de seu sabor. A metafísica e a Lei gregas **deturparam** e também expressaram o Evangelho” (A.E. Garvie, “Christianity” (Cristianismo), *Encyclopaedia of Religion and Ethics*, 1910, Vol. 588).

“A influência da filosofia grega sobre a teologia cristã primitiva é óbvia demais para ser questionada” [G.P. Fisher, “History of Christian Doctrine” (*História da Doutrina Cristã*), T&T Clark, 1908, p. 32).

Os cristãos não entendem o significado de “Messias” nem a visão do Seu Reino:

“Os cristãos perderam em grande parte o sentido da Messianidade de Jesus. **E perderam em grande parte a visão messiânica.** O nome grego ‘Christos’ significa ‘o ungido’ e é a tradução literal do hebraico “*Mashiach*” – Messias... Os cristãos que pensam ou falam de Cristo quase esquecem a palavra semítica e as ideias que o nome traduz; na verdade, eles esquecem que Jesus é principalmente o Messias. A própria ideia da Messianidade de Jesus passou de suas mentes. Tendo perdido o sentido original da palavra “Cristo”, muitos cristãos também perderam a visão messiânica, ou seja, a expectativa do futuro divino, a orientação para **o que está vindo à terra** como o desfecho da era atual da história” [Lev Gillet, citado por Hugh Schonfield em “*The Politics of God*” (As políticas de Deus), págs. 50, 51].

“Céu” não é o que Jesus prometeu a Seus seguidores, embora os cristãos de hoje constantemente digam que é. William Strawson, um tutor em teologia sistemática e filosofia da religião, fez um estudo detalhado de Jesus e a Vida Futura e dedicou 23 páginas a um exame da palavra “céu” em Mateus, Marcos e Lucas. Ele concluiu:

“Em poucas, se houver, instâncias do uso da palavra ‘céu’ há algum paralelo com o uso moderno. Os registros do evangelho da vida e dos ensinamentos de nosso Senhor **não falam de ir para o céu**, como um crente moderno naturalmente faz. Em vez disso, a ênfase está naquilo que é ‘celestial’ descendo para o homem... Nossa maneira moderna de falar da vida com Deus como sendo a vida ‘no céu’ não é a maneira como os evangelhos falam do assunto. Especialmente não há nenhuma **sugestão de que Jesus esteja oferecendo a seus discípulos a certeza do ‘céu’ após esta vida**” (pág. 38).

“O céu como a futura morada dos crentes é [uma concepção] conspícua por sua ausência no pensamento de São Paulo. A segunda vinda é sempre do céu, tanto nas primeiras (*1 Tessalonicenses 1:10*) quanto nas últimas (*Filipenses 3:20*) cartas de Paulo... Possivelmente ele toma como certo que os crentes terão seu lugar em um Reino terreno messiânico que não acha necessário mencioná-lo” [“*Heaven*” (Céu, *Dicionário de Cristo e os Apóstolos*), Vol. I, pág. 531].

“Jesus não estava pensando em um além incolor e puramente celestial, mas o imaginou para Si mesmo como um estado de coisas existente nesta terra – embora, é claro, uma terra transfigurada – e em Sua própria terra” [W. Bousset, “*Jesus*” (Jesus), Londres: Williams and Norgate, 1906, pág. 82].

Um desastre ocorreu quando, após a morte dos apóstolos, o elemento judaico no cristianismo original foi expulso em favor de uma nova religião gentia:

“A criação da religião cristã envolveu necessariamente um recuo dos ensinamentos de Moisés, dos Profetas e de Jesus, que cada vez mais se tornaram uma derrota... Como escreveu um cristão protestante: “O grande povo escolhido por Deus [os judeus] logo foi o menos adequadamente representado na Igreja Católica. Isso foi um desastre para a própria Igreja. Isso significou que a Igreja como um todo falhou em entender o Antigo Testamento e que **a mente grega e a mente romana, por sua vez, em vez da mente hebraica, passaram a dominar sua perspectiva: desse desastre a Igreja nunca se recuperou nem na doutrina nem na prática** ... Se hoje outra grande era de evangelização está para amanhecer, precisamos dos judeus novamente... O cristianismo é uma síntese do judaísmo e do paganismo. Como tal, é uma corrupção de tanto significado quanto a antiga deserção israelita em misturar sua religião com os cultos dos cananeus. Portanto, não cabe aos judeus abraçar o cristianismo ortodoxo, mas aos cristãos, se quiserem ser realmente israelitas como o Povo de Deus, rever e purificar suas crenças e recapturar o que basicamente eles têm em comum com os judeus, a visão messiânica” [H.J. Schonfield, “*The Politics of God*”, págs. 98, 99, citando Canon Goudge, “*Essays on Judaism and Christianity*” (Ensaio Sobre o Judaísmo e o Cristianismo)].

Com base em quê deveríamos negar que Jesus compartilhava crenças judaicas?

“Muitos de nós gostamos de pensar que Jesus negou as crenças judaicas sobre revelação sobrenatural e privilégio exclusivo, porque nossas mentes são tão profundamente influenciadas pela maneira filosófica de ver as coisas. Mas temos algum direito de assumir que Ele sabia da falsidade da crença judaica? Era falsa? Temos o direito de assumir que, porque um universalismo não judaico baseado em modos filosóficos de pensamento nos atrai do século XX, deve ser a verdade absoluta e a vontade divina? Certamente devemos buscar alguma evidência. Mas não há evidência nos Evangelhos... e Seus discípulos acreditaram tão firmemente no valor exclusivo da religião judaica após Sua ressurreição quanto antes” (H.F. Hamilton, “*The People of God*” (O Povo de Deus), Vol. I, pág. 260].

Todo o sistema cristão, tanto católico quanto protestante, é falho pela mistura da Bíblia com ideias gregas estranhas:

“Nossa posição é que a reinterpretação da teologia bíblica em termos dos filósofos gregos tem sido disseminada ao longo dos séculos e em todos os lugares destrutiva para a essência da fé cristã... Sempre houve judeus que buscaram fazer acordos com o mundo gentio, e isso significou com o tempo a morte do judaísmo para todos eles. Houve cristãos desde o início que buscaram fazer isso... **Nem a teologia católica nem a protestante são baseadas na**

**teologia bíblica. Em cada caso, temos uma dominação da teologia cristã pelo pensamento grego** [N.H. Snaith, “*The Distinctive Ideas of the Old Testament*” (As ideias distintas do Antigo Testamento), Londres: Epworth Press, 1955, págs. 187, 188).

A Igreja, tal como se desenvolveu após os tempos bíblicos, foi envenenada por elementos do Gnosticismo:

“Quem pode sustentar que a Igreja alguma vez superou a doutrina gnóstica das duas naturezas ou o docetismo valentiniano? Mesmo os últimos concílios da Igreja, que discutiram os problemas cristológicos em definições complicadas, hoje em dia dificilmente inteligíveis, não conseguiram fazer isso; **a unidade da Igreja naufragou precisamente nisso**” [Kurt Rudolph, “*Gnosis: The Nature and History of Gnosticism*” (Gnose: A natureza e a história do gnosticismo), Harper and Row, 1983, pág. 372).

Embora os protestantes afirmem que a Bíblia é sua autoridade, eles na verdade aceitaram uma versão do cristianismo influenciada pelos gregos que abandona a Bíblia:

“A diferença é óbvia entre os padrões mentais do Novo Testamento e a maioria do nosso pensamento cristão costumeiro... A explicação desse contraste está no fato de que o **pensamento cristão histórico a esse respeito, como em outros, tem sido grego e não hebraico**. Alegando ser fundado na Escritura, ele tem, de fato, **renunciado completamente a muitas estruturas escriturais de pensamento** e aceitou as contrapartes gregas em vez disso” [H.E. Fosdick, “*A Guide to Understanding the Bible*” (Guia para compreender a Bíblia), Harper Bros., 1938, pág. 93).

A Igreja diz uma coisa e faz outra:

“A Igreja geralmente não tem, na prática (não importa o que ela alegue estar fazendo em teoria), baseado sua Cristologia [compreensão de quem Jesus é] exclusivamente no testemunho do Novo Testamento” [Maurice Wiles, “*The Remaking of Christian Doctrine*” (A Reformulação da Doutrina Cristã), Londres: SCM Press, 1974, págs. 54, 55).

A partir do segundo século, uma nova forma de cristianismo começou a substituir a fé da Bíblia:

“O cristianismo gentio desenvolvido, do tipo que estava começando a tomar forma no final do primeiro século, tem muito pouco a ver com Jesus ou com a fé da primeira geração. **É uma nova religião desenvolvida para substituir a fé original**” [Don Cupitt, “*The Debate About Christ*” (O debate sobre Cristo), pág. 69).

O termo essencialmente político Reino de Deus, tema central de Jesus, foi distorcido tanto na Igreja quanto nos círculos acadêmicos:

“Para que o Reino de Deus tenha resultado na crucificação de Jesus, ele deve ter carregado conotações políticas que as autoridades governantes em Jerusalém consideraram perigosas. Por mais espantoso que pareça, no entanto, nem na igreja nem nos círculos acadêmicos o Reino de Deus recebeu a significância política que sua derivação e consequências exigem. **O debate acadêmico ignorou amplamente quaisquer dimensões políticas abertas do reino**” [R.D. Kaylor, “*Jesus the Prophet, His Vision of the Kingdom on Earth*” (Jesus, o Profeta, a Sua Visão do Reino na Terra), Westminster/John Knox Press, 1994, pág. 70].

Os sintomas do mal-estar da teologia cristã são vistos claramente quando alguns evangelistas contemporâneos declaram com confiança que os ensinamentos de Jesus não são realmente o coração essencial da fé:

“Muitas pessoas hoje pensam que a essência do cristianismo são os ensinamentos de Jesus, mas não é assim. Se você ler as cartas do apóstolo Paulo, que compõem a maior parte do Novo Testamento, verá que quase nada é dito sobre os ensinamentos de Jesus. No restante do Novo Testamento, há pouca referência aos ensinamentos de Jesus, e no Credo dos Apóstolos, o credo cristão mais universalmente aceito, não há referência aos ensinamentos de Jesus. Também não há referência ao exemplo de Jesus. Apenas dois dias na vida de Jesus são mencionados – o dia de seu nascimento e o dia de sua morte. O cristianismo não se centra nos ensinamentos de Jesus, mas na Pessoa de Jesus como Deus Encarnado que veio ao mundo para tomar sobre Si nossa culpa e morrer em nosso lugar” [D.J. Kennedy, “How I Know Jesus Is God” (Como Sei que Jesus é Deus), *Truths that Transform*, novembro de 1989).

Tais declarações nos parecem uma leitura calamitosa e errônea do Novo Testamento. Lucas fornece tanto do Novo Testamento quanto Paulo (mais se Hebreus for considerado não Paulino). Embora os credos infelizmente não prestem atenção aos ensinamentos de Jesus, Paulo prega o mesmo Evangelho que Jesus: “A palavra de Deus para Paulo não é primariamente uma história sobre Jesus Cristo, mas uma convocação salvadora de Jesus Cristo através das bocas de Seus arautos” (J.F. Kay, “Theological Table-Talk: Myth or Narrative?” (Conversa de Mesa Teológica: Mito ou Narrativa?) *Theology Today* 48, 1991, pág. 330). Paulo nos aponta para uma imitação de Jesus, pois ele imita Jesus e adverte contra qualquer desvio das palavras de Jesus (*1 Coríntios 11:1; 1 Timóteo 6:3*). O ensinamento de Jesus enfatiza repetidamente a necessidade de crer e obedecer a Seus ensinamentos, que são feitos a base da salvação (*Mateo 7:24-27; Marcos 8:38; João 12:44-50*). João, o Apóstolo, advertiu a Igreja contra qualquer um que “vai longe demais e não permanece no ensino de Cristo”, identificando tal tendência como o espírito do Anticristo (*2 João 7-9*). Os comentaristas descrevem o ensino errôneo que João condenou tão enfaticamente. O que aqueles campeões do ensino falso do primeiro século tentaram fazer foi “desunir a palavra salvadora da vida do Jesus histórico e buscar outro caminho para a comunhão com Deus” (H.R. Mackintosh, “The Person of Jesus Christ” (A pessoa de Jesus Cristo), T & T Clark, 1912, pág. 121). A palavra e as palavras de Jesus devem ser mantidas contra toda e qualquer teoria que as afaste do centro da fé. Aparentemente, em algumas formas de evangelismo contemporâneo, Paulo é distorcido e Jesus rejeitado. Daí a necessidade de um retorno ao Evangelho como Jesus o pregou.

Um folheto amplamente divulgado intitulado “*What is the Gospel?*” (O que é o Evangelho?) (publicado pela Associação Evangelística Billy Graham, 1980), que não contém nenhuma referência ao Reino de Deus, declara que Jesus “veio para fazer o trabalho de três dias” e que “Ele não veio principalmente para pregar o Evangelho..., mas veio para que houvesse um Evangelho para pregar”. É difícil conciliar essas declarações com a declaração de Jesus de que Ele foi comissionado com o propósito de proclamar o Evangelho do Reino (*Lucas 4:43; Marcos 1:38*).

Não se pode enfatizar o suficiente que o cristianismo que não está enraizado e ancorado no Jesus histórico pode acabar sendo apenas mais uma fé. Se as pessoas são solicitadas a “aceitar Cristo” sem que lhes seja dito sobre a Mensagem do Cristo histórico, como podemos ter certeza de que “Cristo” não é apenas um símbolo abstrato? A verdadeira questão então é, nas palavras de Jon Sobrino,

“se esse Espírito é o Espírito de Jesus ou algum Espírito vago e abstrato que nada mais é do que a personificação sublimada dos desejos e anseios naturais da pessoa ‘religiosa’. Se for o último, então não é apenas diferente, mas na verdade contrário ao Espírito de Jesus” [*Christology at the Crossroads*] (A cristologia na encruzilhada), Orbis Books, 1982, p. 384].

A história do cristianismo deveria dar aos fiéis motivos para alarme. Por causa de uma abordagem anti-intelectual à fé, muitos escolhem permanecer na ignorância das grandes questões que afetam seu relacionamento com Deus. Quando os teólogos ponderam sobre a condição da Igreja ao longo dos séculos, eles frequentemente expõem um afastamento extraordinário do Jesus histórico. *David Kaylor* escreve:

“A fé cristã não se centrou no Jesus histórico. O Credo dos Apóstolos demonstra a verdade desta declaração, pois ele vai de ‘nascido da Virgem Maria’ para ‘crucificado sob Pôncio Pilatos’. A omissão do Credo sugere que os anos e atividades de Jesus não tiveram nenhuma consequência real para a fé... Teológica e eticamente, não é suficiente dizer que uma morte e ressurreição ocorreram. Quem foi Jesus, a quem os romanos executaram e Deus ressuscitou dos mortos, importa não apenas para o historiador, mas para o teólogo e o crente. O caráter histórico de Jesus, e não meramente um Cristo espiritual, fornece à fé cristã sua razão de ser e seu poder de trazer mudanças na vida social pessoal” (*R.D. Kaylor, “Jesus the Prophet, His Vision of the Kingdom on Earth”* (Jesus, o Profeta, a Sua Visão do Reino na Terra)).

Se o Jesus reivindicado como Salvador não está ancorado na figura histórica registrada no Novo Testamento, quem sabe que tipo de Jesus pode ser adotado? Parece-me claro que Satanás poderia muito bem jogar com a fraqueza do espírito religioso do homem ao apresentar um Jesus que é apenas superficialmente o Jesus da Bíblia. A falsificação poderia, no entanto, ser muito sutil. A estratégia satânica trabalharia arduamente para separar Jesus de Seus próprios ensinamentos (apresentados em sua forma mais clara em Mateus, Marcos e Lucas). “Jesus” poderia então ser apenas um símbolo religioso oferecido como uma panaceia espiritual para os males do mundo e dos indivíduos. O Jesus judeu, apocalíptico, pregador de uma sociedade justa vindoura na Terra, poderia então cair em descrédito e obscuridade. Seu reaparecimento na pregação provavelmente pareceria estranho e indesejado até mesmo para os frequentadores da igreja que foram alimentados com uma dieta sem os ingredientes hebraicos do Novo Testamento.

A política mais segura contra o engano seria restabelecer o Evangelho sobre o Reino no coração de toda pregação. Isso garantiria contra a tendência de inventar Jesus a partir de nossas próprias mentes. [1] Também protegeria os crentes contra a afirmação extravagante de um importante teólogo que observou: “O que pode ser dito sobre o Jesus histórico pertence ao reino do ‘Cristo segundo a carne’. Esse Cristo, no entanto, não nos diz respeito. O que se passou no coração de Jesus eu não sei, e não quero saber” [*R.D. Kaylor, “Jesus the Prophet, His Vision of the Kingdom on Earth”*] (Jesus, o Profeta, a Sua Visão do Reino na Terra). Essa tendência, expressa de forma menos flagrante, assola várias escolas teológicas de pensamento, principalmente a escola que relega o ensinamento de Jesus a um ministério somente para judeus e aplica Suas instruções éticas ao futuro milênio.

O verdadeiro reavivamento virá quando os cristãos reconhecerem e renunciarem ao cristianismo pagano que passa pela fé real da Bíblia. Um especialista nas raízes judaicas do verdadeiro cristianismo observa:

“Um estudo dos últimos mil e novecentos anos revela como a Igreja deixou seu ninho judaico original e se distanciou consideravelmente da cultura semítica que lhe deu origem. A Igreja deu pouca atenção à exortação de Paulo para continuar no que havia aprendido e acreditado no contexto de seus primórdios hebraicos. Em vez disso, à medida que se tornou mais e mais helenizada ao se mover para o oeste através do mundo mediterrâneo, ela começou a ser levada para ensinamentos estranhos” [Marvin Wilson, “Our Father Abraham” (Nosso Padre Abraham), Eerdmans and Center for Judaic-Christian Studies, 1987, pág. 166].

O cristianismo contemporâneo é uma distorção da fé original porque cresceu a partir do solo da filosofia grega e abandonou sua matriz hebraica:

“Quando o cristianismo se separou do judaísmo, a própria fé cristã foi distorcida” (J.S. Spong, “The Continuing Christian Need for Judaism” (A Contínua Necessidade Cristã do Judaísmo), *Christian Century*, 26 de setembro de 1979, pág. 918).

Platão, o filósofo grego homossexual, causou um desastre de escala sem precedentes. Os chamados “Pais da Igreja” adotaram a doutrina de Platão sobre a natureza do homem, que é totalmente antibíblica:

“O fato mais importante na história da doutrina cristã foi que o pai da teologia cristã, Orígenes, foi um filósofo platônico na escola de Alexandria. Ele construiu na doutrina cristã todo o drama cósmico da alma, que ele pegou de Platão, e embora os pais cristãos posteriores tenham decidido que ele pegou demais, o que eles mantiveram ainda era a essência da filosofia da alma de Platão” (“The Greek Ideas of Immortality” (As Ideias Gregas Sobre a Imortalidade) *Harvard Theological Review* 52, julho de 1959, pág. 146, citado por Marvin Wilson, “Our Father Abraham” (Nosso Padre Abraham), pág. 168).

O que os cristãos podem fazer? Eles podem se comprometer com uma investigação séria da Bíblia para recuperar a fé hebraica de Jesus e Paulo. Este processo revelará que a ideia platônica da alma levou a:

1) Uma falsa ideia do Messias como uma “Pessoa” preexistente na Divindade. Na Bíblia, o Messias deveria ser um descendente humano de Davi e dotado de poderes extraordinários do espírito. O Messias certamente não deve ser confundido com o Deus Único do credo de Israel. O credo de Jesus era o credo de sua própria herança judaica (*Marcos 12:29* e segs.). Os cristãos devem adotar esse credo e não um credo “trinitário” que deve sua origem à mente especulativa grega e não foi formalmente introduzido até 300 anos após a época de Jesus. A preexistência do Messias em pessoa é totalmente estranha ao judaísmo e é rastreada até a noção pagã origenista da preexistência da alma.

2) Uma ideia falsa de que os cristãos “vão para o céu” na morte sobrevivendo como uma alma desencarnada separada do corpo. Essa ideia é platônica até o âmago e aparece como o estoque da maioria das denominações e é constantemente reforçada em sermões fúnebres. A sobrevivência como uma alma desencarnada destrói a visão bíblica de que a ressurreição da morte na segunda vinda de Jesus é o único caminho para a imortalidade. Tertuliano aponta que era o ensinamento de Platão que a partida imediata de uma alma desencarnada era o destino dos mais nobres, ou seja, homossexuais!

3) A falsa ideia de que Jesus é Deus, em vez de Filho de Deus, mina toda a noção da morte do Messias pelos nossos pecados. Deus só tem imortalidade na Bíblia e Deus não pode morrer. Um “Jesus” que é Deus não pode ter morrido. Sob esse esquema não bíblico, não há possibilidade real de expiação pelo pecado.

4) O Evangelho como Jesus e Paulo o ensinaram era a Boa Nova de um futuro Reino de Deus destinado a introduzir uma sociedade totalmente nova na terra na qual os cristãos governariam o mundo com o Messias retornado. A substituição filosófica deste Evangelho fala de “aceitar Jesus no coração” com uma visão de sobrevivência como um espírito desencarnado na morte. Apenas o serviço da boca para fora é pago à ressurreição que no NT é o coração e o cerne da esperança cristã junto com a entrada no Reino quando Jesus retornar.

## Notas Finais

- [1] A teologia unitarista universalista parece ter caído na mesma armadilha contra a qual a Bíblia alerta (2 João 7-9). Um tratado sobre as visões unitaristas universalistas de Jesus diz: “Não é possível descrever o Jesus histórico, mas muitas descrições dele existem... Cada um de nós pode imaginar o Jesus histórico como quiser... O aspecto importante da realidade pessoal com o qual devemos chegar a um acordo não é o Jesus histórico, mas a ideia de Jesus como ela existe em nossa cultura contemporânea... Acho estimulante acreditar que a perfeição que derramamos na figura de Jesus veio das mentes dos seres humanos, da imaginação humana e da aspiração ética... Sou a favor de um Jesus cada vez melhor, nascido do coração aspirante da humanidade” (J.G. MacKinnon).